N.º 66 (2.º)--(188)--4.º ANNO Terça-feira, 13 de Fevereiro de 1912 Preço 20 Rs.

Semanario de caricaturas a côres,
critico e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal **O ZÉ**
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

COMPOSTO, IMPRESSO E GRAVADO
nas OFFICINAS DO ZÉ
Rua do Poço dos Negros, 81, 1.º

Successor do jornal O XUÃO Redacção e administração, R. do Poço dos Negros, 81, 1.º

ANTES E... DEPOIS

A sua eterna missão, é mendigar para a Republica! Lá vae peregrinar para o Brazil. Por muitos annos seja!

Fitas corridas

Ha coisas que nos dão volta ao miolo e esta é uma d'ellas.

Não ha jornal algum, n'esta deliciosa terra de malucos que não tenha inserido nas suas columnas o seguinte:

—Não nos importemos com D. Manoel! Dos seus *trucs* e *manobras* pouco ou nenhum mal nos póde advir e temos gasto o nosso tempo, a nossa tinta e o nosso papel, em proveito d'esses troca-tintas' sem haver precisão de tal.

Isto é o que todos os papeis teem dito, sem excepção.

Agora o que tem graça, muita graça mesmo, é que, a proposito da ligação de D. Manoel com D. Miguel, os jornaes que assim barafustaram, dizendo que não valia a pena fallar n'elle, que elle não valia dez réis furados etc... esses jornaes consagram columnas e mais columnas a tal facto!

Vão lá entende-los! Ora dizem que sim, ora dizem que não e tão depressa fazem como desfazem!

D. Manoel não nos faz mal?

Está muito bem! Não se falla n'elle, nem se desperdiça uma lettra sequer, em proveito dos seus fitos.

Faz-nos mal?

Falla-se n'elle tantas vezes quantas forem precisas para desistir do seu intento.

Mas dizer-se que em nada prejudica as nossas pessoas, que não vale a pena gastar cêra com ruins defuntos, e a proposito do menino se reconciliar com o chefe dos caceteiros, dispender linhas e mais linhas, não se percebe.

Ou se falla d'elle constantemente ou não se falla d'uma vez!

E olhem que é muito provavel elle regosijar-se com o que dizem por cá!

Senhores dos jornaes! Mais uma vez! Acabemos de falar no D. Manoel que já cheira a ranco!

*

Lemos n'uma noticia de Hespanha ácerca do lançamento ao mar do couraçado «España», o seguinte:

No lançamento, a rainha Victoria cortou a larga fita de sêda das côres hespanholas que simulava segurar o «Hespaña», partindo-lhe na proa a tradicional garrafa de Champagne».

...E o pobre Ferrer?... Já ninguem se lembra d'elle...

*

Se o assumpto não fosse um boccado triste e não mostrasse bem a vergonha que tudo isto é, damos-lhes a nossa palavra d'honra que nos riamos com vontade.

Mas o caso não é para rir e com coisas serias não se brinca! Sabem do que se trata?

Trata-se do seguinte: Os poucos conspiradores que foram condemnados nas Trinas (foi talvez uma meia duziasita) estão sendo agora postos no olho da rua, isto é, em Liberdade pelas decisões dos *venerandos* juizes do Tribunal da Relação.

Ora digam lá com franqueza. Não custa a engulir esta pilula? Com justiça tão transcendente não admira qne vejamos ainda os conspiradores, os traidores, como lhes chamam os que agora lhes dão o prazer da liberdada, rirem-se, rirem-se muito, troçando da *ingenuidade* dos nossos justiceiros, reprimindo a custo uma gargalhada estridente que de boa vontade lhes pregariam nas bochechas. E então, quando os tribunaes militares que em breve começarão a funcionar encetarem a sua carreira condemnando a torto e a direito (sabemos tanto que vae ser assim como sabemos que 2 e 2 são 4), dirão elles, os salteadores de montanhas, os vassalos da realeza e da reacção que d'um golpe pretendiam, sem pejo nem honra, riscar o nome da sua patria do catalogo das nações, dirão elles, os infames:

Ah! palermas! Que ursos que vôcês são! Para que guardastes os bancos e os palacios dos *thalassas*, com os pés sem agasalho e com o estomago sem alimento, mal sentido o frio da noite tão grande era o calor de prestardes um serviço ao bom nome da vossa patria? Para que foi?

Para irdes jazer agora nas carceres, ao passo que nós rimo-nos, gosamos, conspirâmos e mercê da benevelencia dos juizes temos sol, respiramos um ar puro... e podêmos fazer o que quizermos porque os juizes provavelmente dão nos licença!...

E é isto!

Os cobardes andam á solta. Os heroes vão para o *chelindró!*

Ah! vida! vida! Sempre és muito retorcida!...

*

No dia 6 publicou o *Diario do Governo*, gazêta que pelo logar que desempenha, devia sêr um repositorio de palavras sisudas e pouderadas, um decreto sobre os uniformes do pessoal dos Correios, Telegraphos e Telephones, d'onde recortamos este boccadinho d'oiro:

Nenhum empregado poderá usar cabello com bellezas, nem botas ou sapatos atacados até á biqueira.

E o decreto segue por ali abaixo, vindo acabar na assignatura do sn.r Manuel d'Arriaga».

Que miseria! Que miseria, senhores governantes!

E' isto linguagem que serve de base a remodelações! E' isto a linguagem da folha official! Aquelle periodo que trancrevemos dá uma ideia bem triste do que *lá vae* pelas cercanias do sn.r Antonio Maria da Silva! Quem o lêr ficará suppondo que a dentro do edificio dos correios é tudo *rufianagem* e que mais seguros andaremos de noite nas viellas da Mouraria do que n'aquella repartição do estado, onde qualquer empregado pode muito bem sondar-nos as tripas com o bico d'uma navalha e onde provavelmente se passam rasteiras e se afinam galhêtas com tanta frequencia como se expedem telegrammas!

Esta serie de considerações acóde a todo o cidadão que lêr o boccadinho do decreto e tenha alguma estima pela sua pelle.

Agóra outra coisa. Havia precisão de patentear aos leitores da folha official, que tanto podem sêr nacionaes como estrangeiros, um espectaculo tão deprimente para o nosso prestigio, sobrecarregando-o com a assignatura do primeiro magistrado da Nação o sn.r Manuel d'Arriaga?

Não havia precisão alguma, e era bem facil ao snr Antonio Maria da Silva, que provavelmente falla em calão e põe a beata ao canto da orelha, taes são os atavios da linguagem que usa para formular regulamentos, éra-lhe bem facil, iamos dizendo, não vir com aquelle estendal para o Diario do governo e fazer d'aquellas magnificas phrases uma ordem de serviço interno que só os da casa pudessem devorar

Não o fez!

Pois fiquem sabendo que de hoje em diante só entraremos no edificio dos correios com o corpinho envolvido por uma couraça, porque não sabemos riscar...

*

A proposito d'uma das nossas *Fitas* da semana passada em que chuchamos um boccado com os batalhões de voluntarios, recebemos uma carta d'*um grupo de voluntarios* onde os seus auctores, depois de darem a resenha das manobras effectuadas pelos batalhões por occasião dos ultimos tumultos, chegam á seguinte conclusão:

«Já vê pois que n'este caso estavamos nós guardando o exercito, pelo menos por aquelle lado».

Teem os illustres voluntarios muita razão. O exercito sem a sua guarda tinha sido desfeito e quem sabe até se reduzido a pó.

A guarda dos batalhões é indispensavel e estamos pensando no que seria de nós se os voluntarios não nos guardassem.

Brrr! Até faz calafrios!...

Batalhões voluntarios? São tão precisos como agua! Só nós é que sabemos...

*

Finalmente! Acabou a negregada censura!

Safa! Que imprensa misturada com militarismo já cheirava a rancho!...

Que bom!

Dizem os jornaes que o famoso violinista Kubelik tem os seus dedos seguros em 235 contos de réis o que equivale a 23 contos e meio cada dedo.

O' Kubelik, és capaz de nos emprestares um dedo por oito dias?...

QUADRAS

Eu já fiz um verso á lua,
Ao frio, á chuva e ao vento;
E tambem á tua tromba,
Porque tens *cara d'assento.*

Has de me emprestar um dia
O teu chapeu de setim,
Para servir de modelo
A uma forma de *puding.*

Zé Pequeno.

MEMORIAS DE UM GALLEGO

E' o titulo do ultimo trabalho litterario do já laureado homem de letras que no jornalismo, no livro e na pedagogia, conquistou um logar de destaque.

Eduardo de Noronha, não necessita dos nossos mesquinhos adjectivos, somos pygmeu de mais, para que desça a ler a nossa modesta prósa sem elegancia de forma nem brilho litterario; mas, sempre diremos da nossa impressão.

Com o interesse que prende o nosso espirito, a tudo que seja educal-o no vasto campo da sciencia litteraria, devoramos folha por folha, o seu livro que é um precioso escrinio onde sem pretensões de fazer um trabalho classico, procurou archivar a colheita psichologica dos defeitos e virtudes d'uma sociedade, procurando para protagonista, um dos milhares filhos da patria de Cervantes.

E' um livro interessante e modelado n'uma linguagem ao alcance de todos os estofos intellectuaes, o que prova, quanto Eduardo de Noronha, conhece o seu paiz que, sendo a mais rica das colmeias d'oiro—é ainda infelizmente, muito fertil no analphabetismo, e assim se explica, como o illustre homem de letras, procurou mediar o seu trabalho entre a parte intellectual e a rudimentar.

Tem anedoctas de valor e de interesse, embora algumas, visem tempos passados. E' caso, para dizermos como o illustre escriptor Schwalbach:

São amargas as verdades,
São amargas como o fel,
E são doces as mentiras
São tão doces como o mel!

Laranjeira.

Poeira da Arcada

N'esta secção brilhante, que diariamente insere o conceituado jornal — *"A Capital"*, onde está orando um dos nossos brilhantes escriptores da moderna geração, lêmos ha dias, umas considerações que pelo intrinseco valor que ellas visam, nos suggerem uns considerandos que, reputamos um dever o registal-os na collecção do **"Zé"**, para que de futuro, os vindouros, que sem duvida, serão mais homens de principios, mais amantes da verdade, mais luctadores pela causa commum para a humanidade que é a grande, a unica senão a verdadeira causa — a revolução dos ideaes, possam conhecer, que n'este afundar de desvergonhas, de impudicos, de *soi disants* talentosos que em nome de principios que mal sabem definir, vão vivendo da perturbação e da pescaria que colhem com succulento premio, das aguas turbas, mar de felícidades para as mediocridades, ainda por este val de mizerias anda quem, ousasse afrontar o poder indomavel da ingratidão, os terrores das pedradas da vilanagem e que rompendo com a pulsilanimidade, abraçando a propria inanição, troçou dos preconceitos e caminhou altivo abraçando a coherencia e a verdade que a lição dos tempos nos ensina.

E assim, analysando os homens e os factos, vae discretear no campo da sã razão e da justiça, subordinando a sua polemica, á doutrina brilhante, que *"A Capital"* lançou ao orbe pela vigorosa e erudita pena do auctor d'uma das mais doutrinarias secções do jornal.

Começa assim o articulista:

«Empregaram-se algumas semanas, no parlamento, a discutir e approvar a proposta sobre accidentes de trabalho. No emtanto, não se notou, entre o proletariado, o menor interesse de sympathia ou o mais insignificante desejo de collaboração. Por atrazo, por ignorancia, por inercia? certamente que não e os acontecimentos d'esta semana demonstram-no por uma fórma bem clara.

A verdade é que a Republica não tem sabido ou podido chamar as classes proletarias a collaborar nos diplomas que as interessam. De toda a vasta acção republicana, a medida que sobretudo as enthusiasmou foi a expulsão dos jesuitas. O resto passou apenas por ellas deixando-as quasi indifferentes.»

Sem duvida, a expulsão foi-lhes grata, como em geral, ao mundo civilisado, é grato usufruir a mais lidima e sacrosanta das conquistas — a liberdade! Mas, o que é a liberdade no lár onde não ha pão nem o misero lençol para cobrir a nudez das carnes n'essa hora que desenha em toda a sua verdade eloquente, a morte?

Para o seu chefe, que foi sempre um sacrificado, um devotado amigo da humanidade que o explorou e mandou diffamar, cobrir de vaias — essa mentirosa imagem, que irradia no templo augusto que tem por rainha a convenção a que os commerciantes da politica chamam a liberdade (para elles está claro,) porque, para o faminto, não passa d'um escarro!

Se os acontecimentos, demonstraram que a indifferença d'essa eterna victima dos egoistas e da lei a que chamam o povo, pelos debates sobre os accidentes no trabalho, não teve a sua origem na sua ignorancia ou inercia, apenas provam que o povo, embora tarde, acordou ferido na sua reputação de bondoso e paciente, conhecendo o ludibrio do sonho que acalentava á 20 annos, ambicionando legalidade, justiça, e apenas se insurgiu em nome do direito que bem alto lhe proclamou o mais fogoso dos seus Mirabeaus na tribuna quando dizia:

O povo, é o unico soberano, e ai dos bandidos, no dia em que o Leão rugir! Não foi para bandidos que elle se insurgiu (porque os não ha na republica) foi cançado e farto de tanto rastejar como o crocodilo para possuir uma dura codea; elle, o faminto, o que soffre, o que de peito descoberto, de braço nú e arma na mão destruiu o regimen da casta privilegiada, para vêr caminhar para elle de braços abertos a egualdade — vê apenas ao fim de 15 mezes, uma luta sangrenta entre homens, um parlamento que não cumpre, e uma legião de córvos que só pensam em roer-lhe os ossos que são a unica herança legada pelos tempos que passaram!

Ainda bem, que o illustre articulista da *"Poeira da Arcada"*, diz que a indifferença do povo, não é por atrazo, por ignorancia, por inercia!

De que lhe serve a lei dos accidentes de trabalho, se elle não tem pão?

De que lhe serve, os governos chamarem-n'o a collaborar com elle nos diplomas que lhe interessam, se elle é na sua maioria analphabeto? De que lhe servem decretos para encher columnas do *"Diario do Governo"*, se elle o que precisa é de pão e de governantes com juizo?

Por hoje basta e até ao proximo numero.

R. Laranjeira.

SERÁ?...

Lemos nos jornaes que na ultima sessão da Camara Municipal «o presidente, sr. Anselmo Braamcamp Freire, propôz a acquisição de um precioso *Cancioneiro* manuscripto do seculo XVII, com poesias de Camões, Bernardes, e outros distinctissimos poetas portuguezes.»

Será para o sr. Braamcamp aprender a cantar o fado?

Eduardo de Abreu

Nunca é demais o fallar dos homens que nos legam um passado brilhante em nome da sciencia, das letras, da politica ou da arte.

Mas muito mais noshonrá quando, elle era uma poderosa individualidade no campo da virtude, onde os vindouros, teem fartas lições a procurar.

Eduardo d'Abreu, foi grande no talento e como cidadão. Era um caustico, um intransigente, um inimigo dos cretinos, dos hipocritas e fustigava sem dó o cynismo.

Tinha o odio dos bajuladores, dos imbecis, dos heroes de pechisbeque e por isso, o povo, não viu em certas gazetas, aquelles ridiculos panegiricos que fazem os subalternos que aos centos por ahi vemos a empestar a sociedade e á procura de alvarás de talento.

E assim esses jornalistas, provaram a pequenez do seu espirito, a sua alma de lama.

Como se a historia, não tenha que render preito ao heroe do ultimatum de 1890 — sem se perturbar com o necrologio d'esses pifios que vegetam por este enlameado planeta.

Foi uma prova bem eloquente para o povo, do que são e valem certos comerciantes no campo dos principios. Cá ficamos, á espreita de que occasião opportuna, nos deixe bradar outra vez á lerta! Elles cá ficam, cavando ainda na lama, e Eduardo de Abreu, já descança para sempre, libertado da corja que é bem ridicula.

CARTA ABERTA

Como senão bastasse o sangue que regou os lagedos das calçadadas pelos ultimos acontecimentos d'Evora, a auctoridade do districto, olvidando o dever, rasgou em nome da despresivel vingança, o direito inviolavel e sacrosanto que assiste ao cidadão pacifico como suprema conquista—a liberdade individual. Sem prova ou indicio algum de criminalidade, enclausurou como implicado nos lamentaveis acontecimentos occorridos na pacifica e ordeira capital do Alemtejo, um illustre professor, erudito e talentoso escriptor, um dos mais distinctos membros da douta corporação dos professores do Lyceu em Evora, e simplesmente, porque um imbecil, um dos milhares seres que por erro da mãe natureza traz as mãos no ar, peior que as féras dos sertões d'Africa, se lembrou de apontar como um dos instigadores da greve, o honrado cidadão, o illustre pedagogo e estremoso chefe de familia que todos veneram e respeitam—o dr. Vasques de Mesquita, que esteve detido 29 horas! Solto, apenas lhe pediram desculpa e que o auctor de tão honrosa proesa seria punido. E é assim, que se honra em Portugal, a mais lidima conquista da civilisação moderna—a liberdade individual. A victima, fez editar uma carta aberta dirigida á auctoridade suprema do districto, que é um documento brilhante, prova eloquente,do talento do illustre e erudito homem de letras que é Vasques de Mesquita.

E como confronto, temos a resposta que recebeu da referida auctoridade que, denuncia quanto é pifia n'este paiz a capacidade da burocracia.

Agradecemos ao auctor, a honrosa distincção com que nós distinguiu.

Oh! se vae!

Dizem os jornaes que se realisará em Haya, no proximo anno, a conferencia internacional de paz.

E' signal de que vae haver molho de três em pipa!...

Era o que faltava...

Ha por ahi agora uma nova marca de cigarros: *Politicos.*

Deve sêr uma belleza vêl-os arder...

As entrevistas

Sempre supposemos, que uma entrevista, era uma lição proveitosa para a sciencia, para a litteratura, para a arte e até para a dificil sciencia de governar os povos—a que chamam politica. E que essa proveitosa licção, tinha que ser colhida nos escrinios mais abastecidos dos diversos ramos que possue o saber humano; puro engano, tal opinião é paradoxal.

Uma entrevista, é hoje para o *"Matin"* portuguez, com balcão para todos os paladares, coisa vulgar, é para encher columnas com a mesma materialidade com que se enchem salchichas — outra classificação não merece a ultima entrevista publicada pelo **republicano «Seculo,»** a proposito das gréves. Então, qualquer pifio Zé Pereira, já serve para discretear nas columnas d'um jornal sobre problemas d'ordem social?... Não admira, é o **«Seculo»** Tableau.

A ENTREVISTA AMOROSA DE... DOVER

D. Manoel, qual bispo de Beja saiu radiante de... esperanças!

Os exemplos do "Seculo"

Na sexta feira passada íamos nós pela Rua do Seculo fóra e olhando distrahidamente para uma das janellas do 2º andar do *jornal de maior circulação em Portugal*, assaltou-nos um susto passageiro, pois julgámo-nos n'uma travessa do bairro d'Alfama.

Da referida janella pendiam garridamente dois pares de peugas, levemente onduladas pelo vento e cujo aceio nos deu a impressão de terem começado a andar nos pés da dono... por alturas da publicação do 1º numero do Seculo, facto que dista de nós uns 22 annos bem puxados.

A janella, cujos vidros, poeticamente partidos, formavam uma deliciosa moldura, onde os ditosos e lindos pares de peugas miravam orgulhosamente as suas formas, estava um pouco ruborisada... e suja, talvez envergonhada do espectaculo que estava offerecendo aos olhos pesquizadores dos transeuntes.

Exposta a questão com todo o lyrismo que as quatro meias nos despertaram, vamos aos commentarios.

Se o *Seculo* pretende d'este modo enfeitar as suas janellas está no seu direito e se quisér até lhe podemos dar um plano de ornamentação que pela esthetica... parece um plano do sn.r Ventura Terra. Ex:

Nas janellas do 1.º andar: Camizas com 15 dias de corpo.

Nas do 2.º: Ceroulas d'um mez; meias e peugas no genero das que estavam penduradas.

Nas aguas furtadas: Lençoes, etc.

E que tal, gostam?

Ora digam lá com franquezinha. Quando o *Seculo* que é o leão da imprensa pendura nas suas janellas peugas mais velhas que as meias da padeira de Aljubarrota, é de admirar que estendamos amanhã nas nossas varandas toda a qualidade de roupa suja que tiremos do nosso corpinho?

Não é.

Se as peugas fossem nossas chamavam-nos porcos e toda a especie de adjectivos inherentes ao capitulo porcaria. Como são do *Seculo* é uma limpeza e talvez a moda pegue.

Pois póde o grande colosso da imprensa limpar as mãos á parede...

N. B.—Aqui á puridade, as peugas são d'algum redactor? Como estavam tão sujas...

Era melhor aos metros

O Sr. Sidonio Paes apresenta brevemente ao parlamento dôze propostas de fazenda.

Isto é que se chama dar fazenda ás dusias!...

Doce-amargo

Assim se intitula, um latitudinario artigo do patriarca da atração e ex-fogoso tribuno popular, o nunca olvidavel Antonio Zé dos gestos oratorios nos palanfrorios na tambem ex-Avenida D. Amelia, que, discreteando em editorial na sua Republica, a proposito dos placards, que existiam nas paredes da Casa Sindical, pergunta: "Quem tomava conta d'isto? O Sindicalismo, o anarquismo, n'esta terra atrazada e inculta"?

Tem muita graça—então agora é gente inculta?

Ora essa, quem devia tomar conta senão os varios Zés Pereiras, Chocolateiras e outras aráras varias que a sua lei eleitoral fez sentar no parlamento?

Sempre nos saiu um maganão este... mefistofles da republica!!

Egas Moniz Ribeiro

E' este nosso querido e velho amigo de infancia, dos amigos d'esses tempos saudosos de estudante que, em nome duma amizade de 20 annos que se transformou n'uma inalteravel estima de irmão, quem o convenceu a ser na bella capital do Alemtejo — Evora, o nosso representante e correspondente; de quem muito tem a esperar a empreza do *"Zé"*, e tambem, a editora do supplemento —*"O Zezinho"* e do jornal politico *"O Revoltado"*, a sair apóz o restabelecimento das garantias na Capital. E' um rapaz de valor e intelligente, mas a sua excessiva modestia, tem-o tornado um misantropo.

Ficamos confiados na sua acção e na sua propaganda

ALVORADA

E' o titulo d'um novo jornal politico, que sahirá logo que sejam restabelecidas as garantias constitucionaes.

E' dirigido pelo advogado Mario Monteiro, jornalista já conhecido e que se destina á lucta pela defeza das classes opprimidas.

Gostosamente aguardamos a sua apparição.

PESSIMISMO

No verso ha phantasia,
Na prosa não ha verdade,
Palavras não tem valia,
No gesto não ha verdade.

Quem em cantatas se fia
E crê na sinceridade,
Só encontra aleivosia...
E' assim a humanidade!

Zé Pequeno.

Não basta!?

Senhores Edis

Segundo nos informam de Chellas, em resposta ás nossas continuas reclamações a proposito do estado calamitoso em que se encontram as azinhagas adjacentes ao bairro talvez mais populoso da capital, o inspector da limpeza d'aquella area, mandou 15 homens raspar a herva dos valados, para assim justificarem a sua **muita attenção** pelas reclamações dos municipes. De que serve similhante truc, quando os caminhos estão intransitaveis e as piteiras caidas, obstruindo os caminhos que se tornam perigosos de noite onde nem luz ha por desgraça? O que os moradores pretendem, illustres edis, é bem pouco para o muito que em nome do dever, a Camara tinha ali que fazer. Será possivel, mandarem calcetar os caminhos e fornecer-lhes luz, para terminarem de vez, os escandalos que por aquellas azinhagas a toda a hora comettem os que certos da impunidade, com gaudio exibem as suas imoraes façanhas? Ve-se bem, que n'aquelle sertão visinho d'esta bella Lisboa, á beira mar plantada, não reside nenhum dos illustres edis. Caso contrario, tambem como o cidadão Xavier Barreto, lá teria a luz electrica e competente civico a guardar-lhes a... porta.

Senhores e illustres edis, o que necessitam os moradores dc Chellas, são transitaveis caminhos, luz para lhes illuminar aquellas azinhagas e a segurança dos seus haveres e da sua vida! Por hoje basta.

Tambem nos escreve um nosso assignante do Cadaval, pedindo-nos o seguinte:

Bradaremos no deserto?

A estrada que vae d'esta villa para a povoação do Bombarral, está em tal estado que uma pessoa a pé não póde passar á dita estrada, o que está causando graves prejuizos ao comercio e á agricultura.

Recommendamos o caso a quem competir.

J. R. G.

VAE OU NÃO VAE?

A menina foi ao baile
O' vindima!

Bernardino diz que vae,
Mas não vae,
Para as terras do Brazil,
Do Brazil;
Bernardino diz que sae,
Bernardino diz que sae,
Mas não deixa este redil!...
Bernardino diz que parte,
Mas não parte!
Bernardino diz que está,
Mas não 'stá!
E sem mais *tirte nem guar-te,*
E sem mais *tirte nem guar-te,*
Não arreda o pé de cá!...
Bernardino diz que faz,
Mas não faz!
Bernardino diz que sim,
Mas não sim!
E afinal não é capaz,
E afinal não é capaz,
Nunca se viu coisa assim!...
Bernardino diz que ata,
Mas desata!
E prosegue n'esta *séca,*
Mas que *séca*!
Já nos cheira a bambochata,
Já nos cheira a bambochata,
Que tal 'stá o da rabeca!...

TENHAM... PACIENCIA

Procuram-nos varios revolucionarios, para que intercedamos em favor d'alguns presos que por occasião dos ultimos acontecimentos foram na turba multa e não tiveram n'elles a menor interferencia.

Foram revolucionarios quando da implantação da republica onde prestaram relevantes serviços e, tendo agora escripto a alguns dos paladinos que elles collocaram no throno do barrete frigio, nem ao menos a mais simples manifestação de consideração até hoje receberam.

Pois cidadãos amigos, não temos nem queremos ter luz de méca junto dos altos poderes, estamos afastados de tudo e todos, vivemos do nosso trabalho e para elle são todas as nossas attenções; por isso, nada lhes podemos fazer.

Vão vendo quanto lhes valem e para o que servem os politicos de profissão. São politicos, perdão, comicos da arte da politica!...

Ao correr da fita

—Então hoje grande pandega, visinha Maria?!

—Se lhe parece! Faz hoje 20 anos que me uní ao meu homem!

—Os meus parabens visinha...

—Obrigado, menina Gestrudes. Mas creia que hoje ainda tenho tido mais trabalho que nos outros dias... Tenho pratos muito variados e isso representa trabalho...

—Acredito. Os de fóra, é que sempre divertem, nós... »estás a ver»!...

—E ainda assim o que me tem valido, tem sido as Silvinhas...

—Ah! Ellas estão cá?!!

—Estão. A Elisinha, está a espremer os tomates para o guisádo e a Mathilde tem-me ajudado na fressura...

— Ah!!!!!!!!

Lambisgoia

CAIXA DO CORREIO

Zé Pequeno. Recebemos e agradecemos. Varie de genero, percebe?

M Chagas (Pardiélo) Então?... O amigo tem estado a dormir?...

Styl, Onde diabo se metteu você? Se morreu com os ultimos temporaes mande dizêr, hein?

E' padre e basta...

No dia 8 de setembro do anno p. p. appareceu em Almeirim, um homem enforcado n'uma dependencia da moradia de Joaquim Mendes Moreira.

Verificou-se o obito e n'um dos bolsos foi-lhe encontrado um papel em que tinha escripto a lapis:—*morro mas não é compromettido, quem me comprometteu foi o padre.*

O padre, como o disseram jornaes, foi immediatamente preso para Santarem e uma vez n'aquella cidade nada mais se soube pela imprensa.

Dizem-me, por carta, que o morto era um bom republicano e por tanto não se comprehende o boato que corre a seu respeito de que elle era conspirador e tinha reservado o logar de regedor para quando *estivesse reposta a monarchia... chiça!*

N'estes casos, que devemos attribuir ao carola?

Temos varios exemplos na historia em que ficamos conhecendo os modos empregados pelos jesuitas a respeito da influencia fanatico-religiosa de alguns criminosos que se tornaram n'esta ultima classificação porque os padres de Jesus, do Diabo, de Paulo, Sancho ou Martinho, incutiram em seus animos a pressão que melhor podesse satisfazer seus fins. Lembramo-nos de Jacques Clement e outros que por influencias *santarranas* cumpriram o que os chancelados divinos lhes suggestionaram.

Ainda ultimamente vimos o que praticou o celebre assassino do sempre lamentado Miguel Bombarda... Foi um inspirado clerical que praticou um acto de vingança ficando os sotainas no escuro sacrificando os verdadeiros crentes da mentira, mil vezes mentira religiosa.

Ora vejam os leitores o que são os Padres.

Sim os padres porque desde que se enverga uma roupeta, é-se obrigado a usar da falsidade religiosa e desde que assim se use, não ha padres bons.

A respeito do padre compromettido em Almeirim, dizem-me ainda mais, informam-me, na mesma carta, que elle é um collega do bispo de Beja... Isso é mais nojento porque os proprios irracionaes não procedem a *contranatura*, rebaixa a especie mascular, e elle como representante do Deus em todas as suas manifestações, colloca a Divindade n'uma situação vergonhosa...

Pensem os fieis sobre este ponto dos attributos divinos e vejam o papel d'um Deus que não se revolta contra a deploravel fórma como é representado cá n'este mundo...

Entre o padre e o enforcado não haveria uma questão de amores machos?...

Aquelle bilhete referir-se-hia a isso ou a questão da politica...

E' preciso saber isto com segurança para honra dos crentes religiosos, que n'isto veem um modo original de servir o Deus e a Humanidade...

Se os padres seguem este exemplo á bispo bejense, estamos a ver o culto divino dito n'uma cloaca e o ritual feito de gatas pelos tonsurados.

Farão do tricome uma pucara assim como o bispo de Beja fez da mitra uma panella...

Chacon Siciliani.

Descobertas

Lemos na *Capital*:

«*A Pall Mall Gazette*, de Londres, noticia que, n'umas pesquizas archeologicas realizadas em Nazareth, Palestina, foram descobertos mosaicos, joias preciosas, objectos d'arte e tambem restos da officina de carpinteiro de S. José.»

Ainda são capazes de descobrir o que Judas deixou no deserto!...

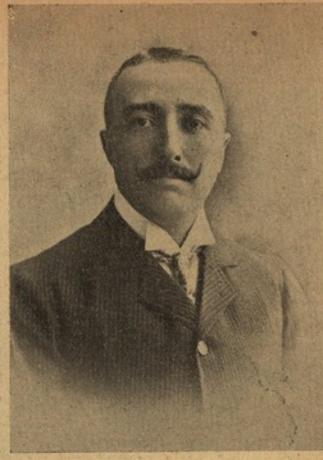
Lendorfe Bravo

Recebemos n'esta redacção, a visita d'este nosso velho amigo e talentoso medico e brilhante jornalista que em Evora, tem grangeado a estima e consideração pelo seu valor profissional e nobresa de caracter.

O distincto medico, esteve entre nós alguns dias para repouso das suas fadigas.

Ultimamente, tem publicado uma larga serie de artigos sobre a *ginastica scientifica*, no nosso presado collega—"*O Cidadão*" d'Evora.

Ao illustre hospede, os nossos agradecimentos pela honra da sua visita a este jornal.

Arthur Neves

Caetano Pereira

Auctores do *Sonho de Fado*, parodia ao *Sonho de Valsa*, actualmente em scena com grande successo no Theatro da Rua dos Condes

SONHO DE FADO

Em primeira representação deu-nos o theatro da Rua dos Condes, na sexta feira passada, esta parodia ao *Sonho de Valsa*, a tão conhecida e apreciada opereta allemã. A lettra do *Souho de Fado* é do nosso amigo e collega Arthur Neves e do sr. Caetano Pereira Junior.

Como parodia a peça é boa, pois os auctores não tiveram a pretenção de lhe inocular paixões, *trucs* de effeito ou em qualquer outra bagagem de grande theatro. Fizeram unicamente um conjuncto de contrastes, muitos d'elles felizes, como por exemplo o de *Zizi*, visconde de Caneças que no *Sonho de Fado* é um homem intempestivo, d'um temperamento... vivinho a saltar, ao passo que o seu correspondente «Niki» do *Sonho de Valsa*, prima pela falta de impeto, ou por outra, é um *enssôso*... De «Franzi», a regente de violinos do *Sonho de Valsa*, fizeram os auctores o «Francisquinho», mestre do sol-e-dó de Fanhões, e o duetto de flauta e do violino foi substituido pelo «pifaro e berimbau».

A peça não tem situações imprevistas, nem podia ter, dado o paralellismo com as do *Sonho de Valsa*.

A musica de Filgueiras e Alfredo Mantua é toda bonita e bem orchestrada, quer a parte paraphraseada do *spartito* de Strauss, quer os fados que apparecem aqui e ali. Mostraram arte e saber os dois maestros.

Do desempenho devemos notar Cordalia na «Açucena» que representou e cantou bem.

Zulmira, na «Mariquinhas, não lhe ficou atraz.

Rogelia Cardó fêz muito bem a «Joaquina Salsa.»

De Joaquim Vaz (Niki) não gostámos. Rebocho menos mal ; o «Francisquinho» e o «Serapião» (não lhes sabemos o nomes) bem.

Guarda roupa e scenario vistosos.

Nos finaes d'acto houve muitas chamadas aos auctôres e maestros.

A Arthur Neves e Caetano Pereira dois abraços e que a sua peça tenha mua feliz carreira.

Bonnevie.

Duas palavras!...

E' uma semana muito pobre para a arte e muito embaraçados nos veriamos, sem sabermos que dizer se não fora a premiere de ha dias no **Apolo.**

O brilhante escriptor Eduardo Swalbach, mais uma vez provou a sua alta competencia, e assim, não admira que o Apolo, seja hoje o rendez-vous da élite intellectual da capital. E' um verdadeiro triumpho para Schwalbach e Filipe Duarte, a fórma magistral como a companhia desempenha o *Pobre valbuena*, a batuta de Filipe Duarte faz prodigios. Uma vez ouvida a partitura, ninguem ha que resista a lá voltar. Esta semana vae ser um encanto.

Passando em revista os theatros vemos que:

Nacional—Resolveu em conclave não retirar do cartaz os *Vinte mil Dolars* esta epoca. Com um desempenho assim não é para admirar!

Republica—Dá nos esta semana e dias de carnaval, sencionaes espectaculos de arte e gargalhada como só a empresa sabe organisar.

Trindade.—E' hoje uma noite que ficará memoravel nos anaes da historia da arte—*A casta Suzana*, como senão bastasse o desempenho, temos o deslumbrante scenario e luxuoso guarda-roupa, de que só Taveira é c paz de semilhante commetimento.

Gymnasio.—A empreza, não lhe bastando a peça—*Rei dos gatunos*, diz ao publico nos dias de carnaval, uma revista de Leandro Navarro e Alberto Barbosa que deve subir ao pinaculo da gloria! Ora veremos.

Rua dos Condes.—Deu em cheio a empreza, com duas bellas peças em scêna E' digna de louvor pela sua acertada direcção. Alternadamente temos o *Fandango e Maxixe e Sonho de Fado* que é um encanto a sua partitura.

Variedades—Não ha meio da empreza errar n'uma peça; poucas como ella tem dedo para prender o publico á bilheteira, assim temos em scena mais uma rainha das revistas—*Ponha-lhe pa pas!* Aquillo não é uma revista, é uma fabrica de graça e de gargalhada. Só vendo se acredita.

Avenida—E' na quinta-feira 15, que vamos ver e ouvir a *Bailarina Descalça*, cujo desempenho é primoroso, e assim se conprehende o successo que a companhia fez no Porto, ou não tivesse a dirigil-a o nosso José Ricardo.

Colyseu dos Recreios—Quem ainda não ouviu a notavel companhia de opereta Italiana que de ha muito ali assentou arraiaes, é aproveitar porque apóz o carnaval, lá parte para Florença. Já sabem que vamos ter deslumbrantes bailes de mascaras? O nosso querido amigo Santos, prerara este anno grandes surprezas!

Animatographos

SALÃO DA TRINDADE.—Não é salão, é uma delicia. Soberbas estreias, algumas de Max Linder e musica celestial. Até apetece não sahir de lá!

CHIADO TERRASSE—Este é um céu aberto. Casa magnifica, fitas na ponta da unha, e musica que até nos lembra os anjinhos! Só falta o S. Pedro para estarmos no ceu!

SALÃO OLIMPIA—E' o paraizo na Rua dos Condes. Surprehentes films de arte, enebriante musica... Ai filhos! está-se lá tão bem!

SALÃO CENTRAL—Este é o inferno... para se entrar, porque está sempre a casa cheia. Não admira. Os programmas são esmeradissimos e d'um effeito seguro.

SALÃO FOZ.—Eis o setimo céu, já pelas fitas que correm, já pelos magnificos numeros de variedades.

CHANTECLER—Fitas falladas o que constitue uma variante mnito agradavel.

COMO ELLES RONDAM!?

Embora, o velho Portugal continue sonhando—sempre haverá patriotas que o guardem!